

ELEMENTAIS E ELEMENTARES

INDICE

OBJETIVO DO TEMA	2
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	2
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	2
CAMPO MAGNÉTICO – TECNICA DA MEDIUNIDADE - (C TORRES PASTORINO).....	3
AFINIDADE DOS MÉDIUNS	3
NÃO HUMANOS.....	3
MEDIUNIDADE – (EDGARD ARMOND).....	3
TEORIAS SOBRE MEDIUNIDADE	3
OS EXILADOS DA CAPELA – (EDGARD ARMOND).....	4
FENOMENOS DE TRANSPORTE – (ERNESTO BOZANO)	4
ANIMAIS NOSSOS IRMÃOS – (EURÍPEDES KUHL).....	8

OBJETIVO DO TEMA

- ;
- ;

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

-
-

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

-
-

CAMPO MAGNÉTICO – TÉCNICA DA MEDIUNIDADE - (C TORRES PASTORINO)

Assim denominamos a região que envolva a massa magnética, e dentro da qual esta consegue exercer ações magnéticas. Consideremos, todavia, que é lei fundamental que todo e qualquer ímã possui sempre dois pólos (+ e -) e somente dois pólos, e um sempre exerce influência sobre o outro. Mas, teoricamente considerados em separado, poderíamos traçar um campo magnético próprio a cada pólo, para observar as propriedades de cada campo separadamente.

AFINIDADE DOS MÉDIUNS

Também cada criatura humana possui dois pólos, cada um dos quais cria um “campo magnético” que atrai ou repele formas-pensamento, **elementais** e “espíritos”, encarnados ou, desencarnados, desde que penetrem no campo.

NÃO HUMANOS

1. Corpos astrais dos animais, que geralmente aí transitam rapidamente entre uma encarnação e outra, a não ser que sejam mantidos nesse estado pela mente mais evoluída de seres humanos, para prestar serviços. Os animais domésticos também podem prolongar sua estada no plano astral, por efeito do pensamento amoroso que os atrai a si, sendo então sustentados pela mente de seus antigos donos encarnados ou desencarnados.
2. **Espíritos elementais** ou dos elementos da natureza, divididos, desde a antiguidade, de acordo com os elementos: gnomos, da terra (os hindus os dizem chefiados por Kchiti); ondinas, da água (chefiados do Varuna); silfos, do ar chefiados por Pavana ou Vâ-yu); e salamandras, do fogo (chefiados por Agni). Outros ainda são citados: fadas, duendes, sátiros, faunos, silvanos, elfos, anões, etc. Excetuando-se seus chefes e guias, não encarnaram como homens, preparando-se para isso por seus contactos com o gênero humano. Embora possuam forças psíquicas, estas não se desenvolveram, ainda, como “Espíritos” (Individualidades) e por isso só possuem (como os animais) o raciocínio concreto, não utilizando ainda a palavra como meio de expressão de seus pensamentos. Manifestam-se muito nas sessões de umbanda e quimbanda, e podem obedecer a ordens de criaturas treinadas (boas ou más), para operar o bem ou o mal, que ainda não distinguem. A responsabilidade, pois, recai toda sobre os que emitem as ordens.
3. Devas ou Anjos de evolução superior à do homem e que, por isso, não mais re-vestirão forma física, só podendo descer até a plano astral. São os mestres ou chefes dos elementos, os “senhores” do carma, os elementos intermediários, no astral, entre as criaturas e os Grandes Seres a quem prestam obediência total. O Novo Testamento e-numera-os assim: anjos, arcanjos, tronos, virtudes, dominações, poderes e principados; no Antigo Testamento encontramos duas classes: Querubins e Serafins.

MEDIUNIDADE – (EDGARD ARMOND)

TEORIAS SOBRE MEDIUNIDADE

4) A dos **elementais**. Os elementos da natureza, seres não humanos, como gnomos, silfos, fadas e gênios, formas inconscientes e inferiores da vida, atuam sobre os homens em certas circunstâncias, produzindo manifestações e fenômenos insólitos.

5) A dos **casões astrais**. As almas dos mortos verdadeiramente não influem sobre os homens a não ser em casos muito raros; mas seus casões astrais, que são envoltórios semi-materializados e destinados à decomposição, após a morte, como sucede também com o corpo físico, atuam sobre os sensitivos e produzem fenômenos. Esta é a teoria predileta dos teósofos

Os espíritos familiares e protetores muitas vezes lançam mão dos animais domésticos para fazerem advertências, darem avisos, alertarem seus amigos e protegidos sobre males pendentes ou acontecimentos que devem ser evitados. Nos casos de morte sucede os pombos abandonarem as casas e os cães uivarem lamentosamente horas a fio: pressentiram o, transpasse. Neste capítulo é obrigatória a citação dos **Elementais**, seres singulares e misteriosos, cuja existência é constatada por muitos e ignorada pela maioria. Pois sua mais útil e interessante tarefa é justamente essa de influir sobre os animais levando-os a agir desta ou daquela maneira. Podemos dizer que eles, os **Elementais**, é que são os autores das manifestações do instinto entre os animais. Eles mesmos, cada um no seu gênero, são o instinto, simples, natural, imperativo, violento, espontâneo. Daí serem altamente perigosos quando utilizados pelos homens no campo das paixões naturais, cuja exacerbação produzem a limites imprevisíveis.

Elementais. {Guinomos – silfos – fadas – gênios, etc. *{Casões Astrais. {Involtóreos semi-materiais destinados à decomposição

OS EXILADOS DA CAPELA – (EDGARD ARMOND)

Os atlantes possuíam um profundo conhecimento das Leis da Natureza, mormente das que governam os três elementos, terra, água e ar. Eram, também, senhores de muitos segredos da metalurgia. As suas cidades eram ricas em ouro e alguns de seus palácios eram feitos desse metal. Suas sub-raças espalharam-se por todos os países do mundo de então. Cultivavam a magia negra e utilizavam-se grandemente dos **elementais** e de outros seres do submundo

FENOMENOS DE TRANSPORTE – (ERNESTO BOZANO)

Casos III e IV – Não é demais lembrar que os fenômenos de *transporte*, como todas as outras categorias de manifestações supranormais hoje investigadas com método experimental, se produziram através dos séculos e no meio de qualquer povo – civilizado, bárbaro e selvagem –, bem como sempre por intermédio de indivíduos especiais denominados *iogue* na Índia; *mago* nos antigos impérios orientais, na Grécia e em Roma; *feiticeiro* na Idade-média e *médico-feiticeiro* nas tribos selvagens.

Não é o caso de estender-me a citar episódios do gênero, tendo em vista que, com a presente monografia, não me propus fazer um resumo histórico da fenomenologia em questão, mas recolher um número adequado de casos de *transportes* obtidos em condições de produção que exclua a hipótese de fraude. Limito-me, portanto, a fornecer apenas dois exemplos de fenômenos de *transportes* obtidos, *a pedido*, com *iogues* indianos.

A Sra. Annie Besant, a conhecida Presidente da Sociedade Teosófica, tratando, num longo estudo publicado nos *Annales des Sciences Psychiques* (1906, págs. 657/73) dos *iogues* indianos e dos métodos pelos quais chegam a adquirir faculdades supranormais, alude a experiências de tal natureza, executadas, em sua presença, por um deles. Escreve ela:

“Ele estava quase nu, detalhe da máxima importância quando se trata de fenômenos de *transporte*. Efetivamente, não tinha bolsos onde pudesse ocultar objetos e todas as suas vestes consistiam em uma faixa de tela em redor dos rins. As pernas e o tronco todo, da cintura à cabeça, estavam completamente nus.

Quanto aos utensílios empregados, consistiam eles em uma mesinha por nós mesmos fornecida, uma caixinha de duas tampas que pôs em nossas mãos e foi por nós minuciosa e longamente examinada, conquanto se tratasse de um trabalho rápido, e uma garrafa ordinária, contendo um líquido claro em tudo semelhante à água, mas que a meu ver não era água pura.

Tomamos lugar em volta dele. Por um momento olhou os convidados, um após outro, com olhar penetrante e, quando chegou a minha vez, me examinou com o máximo interesse para depois observar-me: “Tende cuidado em não me interromper e, sobretudo, não façais oposição durante as operações.” Prometi-lhe que me manteria totalmente passivo, a respeito do que devo fazer notar que também eu praticara a disciplina lóga, razão pela qual julgo que aquele homem percebera que eu lhe poderia fazer oposição, se quisesse.

Então ele pediu: “Designai-me os objetos que quereis que eu vos traga. O meu *espírito elemental* os fará chegar a esta caixa.” Alguém lhe perguntou se poderiam obter coisas de países muito afastados e ele respondeu: “Posso, se se tratar da Índia, mas já não me será possível fazê-lo de países de além-mar.” Havia, pois, limites ao seu poder. Então um de nós observou: “A cem milhas daqui há uma cidadezinha onde são fabricadas certas balas, absolutamente especiais da Índia. Trazei-nos, pois, algumas delas.”

Era de manhã e aquele homem sentou-se no meio de nós, em plena luz do dia. Pouco depois ele abriu a caixinha e se pôs a esvaziá-la com ambas as mãos, atirando sobre a mesinha as balas pedidas e delas fez logo um monte mais alto do que a caixinha. Perguntou-se-lhe de onde brotava aquela torrente e ele respondeu que quem lhe trazia era o seu *espírito elemental*. Tratava-se, precisamente, da espécie de balas por nós pedida. Distribuímos-las entre os meninos da povoação, que as saborearam com grande prazer.

Essas espécies de experiências, tão dificilmente compreensíveis por uma mentalidade ocidental, são, ao contrário, facilmente explicáveis para o indiano, que vos falará da própria consciência posta em relação com os *espíritos elementais*.”

O seguinte episódio, que tiro da revista inglesa *The Occult Review* (1923, pág. 339), é semelhante ao anterior, porém mais complexo.

A Sra. Josephine Ranson relata que, em breve permanência que fez em uma grande povoação situada na base do Himalaia, ali conheceu um jovem *iogue* que se iniciara, desde a primeira infância e com as mais severas formalidades, nos mistérios da lóga. E assim prossegue:

“Aquele jovem *iogue* era absolutamente avesso a fazer alarde de seus poderes mágicos, mas chegamos a convencê-lo a realizar alguma coisa para nós, que estávamos sincera e seriamente interessados em tais mistérios.

Ele escolheu uma noite de terça-feira, dia em que adorava a sua divindade, e, em conseqüência, possuía, em mais alto grau, faculdades supranormais. Veio a nós diretamente da cerimônia de adoração, estava só e com as vestes reduzidas ao mínimo. Sentou-se no meio de nós (a iluminação do ambiente permaneceu como estava), pois formávamos um círculo, no soalho, com ele no centro.

O moço *iogue* perguntou que coisa se desejava que ele produzisse. Alguém pedia o *transporte* de leite quente e então ele pediu uma tigela com água e um xale, tendo colocado a tigela diante de si, no chão, cobrindo-a com o xale. Depois mergulhou a mão direita na água e, quando a retirou, levantou o braço, aspergindo a água no ar com um enérgico gesto dos cinco dedos, que manteve um instante estendidos. Enquanto executava o rápido gesto, entoava em sânscrito uma evocação (mantrã). E sempre evocando a sua divindade, com outro gesto enérgico, levou a mão, a distância de um pé, sobre a tigela coberta pelo xale, mantendo os dedos estendidos e imóveis, em sentido horizontal. Foi então que percebemos o rumor de um líquido que caía dentro da vasilha e logo depois ele retirou o xale. Verificamos, estupefatos, que a tigela estava dois terços cheia de leite fervido e ainda muito quente.

Após certo tempo, pediu-se o *transporte* de frutas secas. O *iogue* pediu um prato que colocou na sua frente, sem cobri-lo com o xale. Repetiu o rápido gesto da evocação e, no momento em que a sua mão voltava a estender-se sobre o prato, apareceram no mesmo dois cachos de passas e sultanas secas.

Em seguida, outro de nós pediu o *transporte* de um melão, conquanto não fosse época de melões no norte da Índia. Não obstante, após a habitual evocação e o gesto que a acompanhava, materializou-se, em sua mão, um grande melão verde. Parecia colhido tão recentemente que corria ainda seiva da haste cortada.

Uma jovem do grupo, a quem não agradaram os docinhos indianos, pediu que lhe fossem trazidas doces europeus e, se possível, chocolate. O nosso *iogue* não conhecia o chocolate, como não conhecia também uma palavra do inglês, pois nunca estivera em relação com europeus antes de nossa chegada. Em todo o caso disse ele que faria o possível para contentá-la, desde que ela lhe explicasse o que era chocolate. A moça experimentou fazê-lo, mas evidentemente só o conseguiu até certo ponto, porque, quando a evocação e os gestos correspondentes foram executados, materializou-se no prato um notável monte de doces que não era chocolate. Além disso, pareciam de antiga fabricação e estavam também poucos limpos, de modo que não se apresentavam com aspecto muito atraente e as senhoras não quiseram prová-los. O nosso *iogue*, à vista da hesitação delas, desculpou-se de sua incapacidade em satisfazer o pedido feito.

Enfim, pediram-se frutas ainda frescas e não tardou a aparecer no prato, sob a influência das mãos do mago, um monte de maçãs e laranjas que logo todos comeram fartamente. Restaram algumas, que conservamos enquanto não se estragaram.

Naturalmente que dirigimos muitas perguntas ao *iogue* acerca da natureza e extensão de seus poderes mágicos. Ele respondeu, com franqueza, a algumas de nossas perguntas, mas a outras não o fez ou não pôde. Achando-nos tão sinceramente interessados, ele observou que poderia ter-se colocado em estado de ver o que acontecia durante a produção dos fenômenos e explicou que a sua iniciação, com os grandes sacrifícios que ela exigia e a austeridade da vida que levava, lhe tinha conferido autoridade sobre certa categoria de “elementais”,

seres do mundo etéreo que lhe obedeciam instantânea e cegamente. Acrescentou que, se nos quiséssemos submeter-nos a uma iniciação preparatória, que ele nos explicaria, poderíamos ver o que realmente se produz durante as manifestações. A iniciação preparatória consistia em jejuar, em nutrir-se unicamente de substâncias especiais, em concentrar-se na meditação, evitando toda relação com outras pessoas. Tudo isso nos tornaria suscetíveis de apurar o nosso poder visual a ponto de perceber os “seres etéreos” que operavam por seu intermédio.”

Com referência aos episódios de que tratei nos casos expostos, observo, antes do mais, que eles não só foram obtidos, *a pedido*, como se produziram em plena luz do dia no primeiro caso, e, em aposento normalmente iluminado, no segundo, quando os dois iogues se apresentaram quase nus durante as experiências, três condições de fato que, combinadas, excluem toda possibilidade de fraude.

No que se refere aos narradores, saliento que a personalidade notabilíssima da Presidente da Sociedade Teosófica exclui de modo categórico qualquer dúvida acerca da autenticidade de quanto ela afirma ter pessoalmente observado. Quanto à Sra. Josephine Ranson, trata-se da esposa de um oficial superior do exército da Índia e o que ela relata concorda exatamente com o que diz a Sra. Annie Besant.

Voltando aos fenômenos de *transporte* obtidos, saliento que eles se mostraram indubitavelmente maravilhosos, porém não mais do que os obtidos experimentalmente no ocidente. Uma circunstância interessante que acontece não raramente entre nós é a de que, quando os *transportes* devem ser produzidos em plena luz, muitas vezes, mas nem sempre, os médiuns, os *iogues* e os feiticeiros africanos recorrem a idêntica medida de precaução, a qual consiste em cobrir, com um pano, o recipiente ou espaço em que deve ocorrer o fenômeno ou em se servirem de caixas dentro das quais ele é produzido. Dir-se-ia, em tais circunstâncias, que a obscuridade é indispensável para a rematerialização do objeto transportado em condições fluídicas. Nas célebres experiências desse gênero, com a mediunidade da Sra. D'Esperance, experiências, por sua vez feitas com suficiente luz, a personalidade mediúnica “Yolanda” cobria também, com um pano, o recipiente em que deviam se rematerializar as plantas transportadas. Entretanto, para muitos outros objetos transportados, tais precauções não parecem necessárias e viu-se que o segundo *iogue* cobrira, com um pano, o recipiente em que devia se produzir o fenômeno do *transporte* de leite quente, mas não fizera uso dele para outros *transportes* também maravilhosos. Por quê? Ninguém o sabe e seria inútil esforçar-se em penetrar no mistério das diferenças existentes entre os objetos materializáveis em plena luz e os que exigem obscuridade. Aos próximos cabe a solução do mistério.

Nos referidos incidentes, curiosa é a circunstância do *iogue*, ignorando o que fosse chocolate, esforçar-se como pôde para satisfazer o desejo expresso pela moça, conseguindo-o apenas em aparência, o que não impediu que o fenômeno obtido fosse igualmente interessante e talvez ainda mais do ponto de vista teórico, pois que subentende no médium, ou, se quiser em quem por ele operava, uma faculdade de pesquisa supranormal maravilhosa e ao mesmo tempo limitada pelas indicações do médium.

Saliento ainda que, como no caso da Sra. Annie Besant como no da Sra. Josephine Ranson, os *iogues* afirmaram que os *transportes* foram obtidos com o auxílio de “espíritos elementais”, submetidos às suas volições, com o detalhe de que eles dizem percebê-los em trabalho, acrescentando que também os assistentes poderiam

chegar a vislumbrá-los se se submetessem às praticas disciplinares indispensáveis. Em suma, poderia tratar-se de visualizações puramente subjetivas e alucinatórias, mas... poderia também ser que assim não fosse.

ANIMAIS NOSSOS IRMÃOS – (EURÍPEDES KUHL)

Em A Gênese, Cap. VI, número 18, em mensagem mediúnica, diz-nos o Espírito Galileu (e essa informação algumas tradições religiosas corroboram) que existem outros remos naturais devida, além dos conhecidos, dos quais nem suspeitamos...)

- Que remos naturais seriam esses?

Como simples especulação:

- seriam os duendes, as fadas, os gnomos?

- seriam os chamados "elementais naturais"?

O aspecto mais importante do princípio vital é o fato de ser comum a todas as espécies orgânicas, vegetais e animais, enquanto vivas. Sua existência é indiscutível, conquanto sua natureza não possa ser cientificamente definida: basta arrancar uma simples folha de uma árvore e essa folha já não o possui; o fenômeno da morte não subtrai nenhum material do ser, no entanto ele se torna inerte (sem vida).

